

DOI: [10.20396/rfe.v14i3.8673763](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i3.8673763)

Schopenhauer como educador: modelo de uma formação intempestiva

Enock da Silva Peixoto¹ 

Resumo

Schopenhauer como educador é a terceira, das quatro *Considerações Intempestivas* e, nesta obra, o então mestre de Nietzsche figura como modelo de educador. Schopenhauer é visto por Nietzsche, neste momento, como um exemplo de gênio, pois figurou na sociedade como exceção, não como regra. A universidade da época e a estrutura estatal são reprovadas por Nietzsche, e, para as confrontar, ele as utiliza como chave de leitura crítica o pensamento do autor conterrâneo. Estudaremos, perpassando as análises que Nietzsche de que modo Schopenhauer figurou como alguém que apontou para uma *educação intempestiva e como seu* esforço em priorizar a singularidade pode ser configurada como perspectiva também artística.

Palavras-Chave: Educação. Arte. Schopenhauer.

Abstract

Schopenhauer as educator is the *Untimely Third* and, in this work, Nietzsche's then master appears as a model educator. Schopenhauer is seen by Nietzsche, at this moment, as an example of genius, because he figured in society as an exception, not as a rule. The university of the time and the state structure are disapproved by Nietzsche, and, to confront them, he uses them as a critical reading key to the thought of the fellow author. We will study, going through Nietzsche's analyses, how Schopenhauer appeared as someone who pointed to an untimely education and how his effort to prioritize singularity can be configured as an artistic perspective as well.

Keywords: Education. Art. Schopenhauer.

¹ Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ; doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; mestre em educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO; professor de Filosofia da rede de ensino do Estado da Bahia. E-mail: enock-peixoto@hotmail.com

Schopenhauer como exemplo de educador

O livro *Schopenhauer como educador* teve como título provisório “Schopenhauer entre os alemães”, conforme Nietzsche escreveu a Carl von Gersdorff na missiva 361 de 8 de maio de 1874. Tem enorme relevância no contexto geral da obra de Nietzsche, tanto que o filósofo, já na fase madura de seu pensamento, em carta a Franz Overbeck, de inícios de agosto de 1884, afirma:

Ao recorrer a minha “produção literária”, que agora tenho diante dos meus olhos inteira; percebi com prazer que todos aqueles fortes impulsos da vontade que nela são expressos ainda estão dentro de mim e que, também sob este aspecto não tenho motivos para desanimar. Além disso, vivi como havia traçado (especialmente em Schopenhauer como educador).

Além dessa relevância literária e pessoal, o texto tem importância significativa para as reflexões sobre a educação, pois está entre os poucos trabalhos em que Nietzsche trata especificamente de questões pedagógicas. Inicia com a pergunta a um viajante que teria percorrido várias nações e continentes. A questão era sobre a qualidade predominante nos indivíduos e este responde que teria sido a propensão à preguiça e poderia ser mais do que isto, todos eles seriam medrosos (Cf. Nietzsche, 2020, § 1).

A acomodação, a falta de impulso para ir além de si e do tempo, a conformidade com as regras culturais e sociais estabelecidas, em todos os cantos parece dominar. Como se fôssemos muito semelhantes, nas mais diversas realidades culturais, nos lugares mais extremos da geografia terrestre. Apesar das diversas nuances, no essencial, a existência humana seria muito parecida em todos os cantos do “mundo civilizado”; a igualdade prevalece sobre a diferença. A figura de viajante seria uma oposição àquela do homem acomodado, pois o primeiro estabelece experiências mais ricas, vive para além das fronteiras impostas pela sociedade. Assim, pode olhar para o comportamento dominante, que é situado e marcado pelos limites da

vida comum, e como um expectador, ser capaz de diagnosticar a sua comodidade. A forma como Jorge Larrosa (2009, p. 48) traduz essa imagem de Nietzsche corrobora com esse pensamento:

A figura do viajante, do expectador errante, do homem que atravessa o mundo sem formar parte dele, daquele que está entre nós, mas não é um de nós, permite a Nietzsche contemplar o rebanho a partir do exterior, apontá-lo com o dedo e qualificá-lo com esses dois atributos, a preguiça e a covardia, que vão ser imediatamente de negativo, de fundo acinzentado, para destacar, como exigência, seus antônimos.

O que explica essa acomodação? Nietzsche aponta o medo do próximo, a exigência gregária de que todos ajam de forma similar: “Em alguns muito raros, talvez o pudor. Mas na maioria dos indivíduos, é a indolência, o comodismo, em suma, está propensão à preguiça da qual falava o viajante” (Nietzsche, 2020, § 1). Mais uma vez o filósofo apresenta a arte como salvadora, como aquela capaz de reagir a esta anuência, essa má consciência, ela apresenta o ser humano como milagre único:

O homem que recusa fazer parte da massa nada tem mais a fazer que renunciar a sua indigência para consigo mesmo; que obedeça à sua consciência que lhe grita: Sê tu mesmo! Tudo o que fazes, tudo o que pensas, tudo o que ambicionas agora, tudo isso não é tu (Nietzsche, 2020, § 1).

Ser si mesmo essa é a proposta educativa de Nietzsche, o filósofo está em embate com a tendência dominante na sociedade quando muitos seguem a maioria. O percurso singular, excepcional, único de cada indivíduo no seu modo de conduzir o próprio existir, eis a proposta educativa primordial. Para persegui-la, a coragem de estabelecer modos de existir genuínos e força interna para superar a comodidade de acompanhar o gosto geral é o desafio.

O século de Nietzsche é classificado por ele como o mais desumano da história, pois, era escravo da opinião pública, a época deveria ser

despertada para a vida: “Temos de assumir perante nós mesmos a responsabilidade de nossa existência; é por isso que decidimos ser realmente os pilotos dessa existência e não permitir que ela se assemelhe a um absurdo acaso” (Nietzsche, 2020, § 1). Notemos que o filósofo apontou anteriormente o artista como aquele que consegue ir além do seu tempo, de ser singular, de buscar caminhos próprios, essa responsabilidade pela própria vida perpassa uma educação pela arte, o meio do ser humano buscar novas possibilidades vitais perpassa por uma formação singular, de saber. Conforme Rosa Dias (2012, p. 163):

Tal como os artistas, Nietzsche se apodera do termo criação para designar um tipo de fazer que não se esgota em um único ato, nem em inúmeros atos. E vai mais além dessa atitude: amplia a noção de arte para dar conta dos atos que produzem continuamente a vida. A seu ver, o ato de criar não é um simples fazer prático que diz respeito ao terreno da utilidade; não designa apenas um ato particular, mas um ato fora do qual nada existe. Criar é uma atividade constante e ininterrupta.

Arte aqui extrapola a produção de grandes obras, mas significa dar forma à própria vida, pois o caminho próprio é genuíno: “Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que necessitas atravessar, sozinho, para ultrapassar o rio da vida - ninguém a não ser tu” (Nietzsche, 2020, § 1). O modelo de formação humana que persistia na sociedade do tempo de Nietzsche educava para tornar os indivíduos servos úteis às instalações sociais, com a perversidade de levar toda uma geração a compreender que atuar em favor de uma coletividade é o ato humano mais nobre, gerando massificação das concepções de mundo, da estrutura social, da arquitetura, da percepção religiosa, da economia política e outros aspectos.

Mas diante da difícil pergunta: “como nos reencontrarmos a nós mesmos? Como o homem pode se conhecer?” (Nietzsche, 2020, § 1). Ele aponta um caminho pelo qual se poderia encontrar respostas, nesta difícil tarefa que é escavar o mais profundo de si mesmo:

Que a jovem alma considere sua vida interior e pergunte: “O que realmente amaste até agora, para que sentiste atraída, por que te sentiste dominada e cumulada a um tempo? O verdadeiro eu não estaria oculto no mais fundo do ser humano, mas acima dele (Nietzsche, 2020, § 1).

Note-se que a tentativa de resposta sobre o que de fato somos começa pelo próprio indivíduo. É ele que deve perguntar pelas coisas que o movem, os seus hábitos, os seus sentimentos, as suas companhias e ter o cuidado ao construir uma visão honesta de si mesmo. Essa pode ter sido produzida artificialmente, pelas várias exigências gregárias impostas pela vida social. Nietzsche aponta um caminho psicológico, isto é, ter a coragem de perguntar, sinceramente por si mesmo e ter a sabedoria de retirar as arestas que demarcam a nossa fisiologia no presente. Mas este processo não é apenas pessoal, pois ele precisa de mestres que podem contribuir para encontrar este eu “infinitamente acima de nós” (Nietzsche, 2020, § 1). Continua o filósofo:

Teus verdadeiros educadores, aqueles que vão te formar, vão te revelar aquilo que resiste a toda a educação como a formação, em todo caso, uma realidade dificilmente acessível, um feixe amarrado e rígido; teus educadores nada podem fazer por ti, a não ser tornar-se teus libertadores (Nietzsche, 2020, § 1).

Este é o papel da educação, tornar os indivíduos livres, livrá-los das ervas daninhas sociais que impõe a todos um comportamento semelhante. Nietzsche afirma que desde a juventude buscava alguém que fosse seu educador a quem pudesse seguir sem hesitar e sobre o que ele teria a dizer dos dois princípios de educação em voga: de descobrir o ponto forte do aluno e depositar todas as energias sobre essa virtude o outro exige que o educador apele para todas as faculdades existentes, cultive e estabeleça harmoniosa proporção entre elas (Cf. Nietzsche, 2020, § 1). Descobrir um

ponto forte do discente e explorá-lo ao máximo ou apelar para todas as suas faculdades eram as duas formas de educação prevalecente e Nietzsche não concorda com elas. A primeira mantinha a sua atenção sobre uma força dominante do aluno e a segunda em todas as forças possíveis. Rosa Dias comenta sobre essa questão: Referindo-se à primeira postura considera que: “trata-se de uma educação despótica, cujo produto é um ser distorcido, inepto em todas as outras coisas para as quais não foi preparado e, muitas vezes, mesmo naquilo em que foi treinado”. Sobre a segunda questão: “coloca todos os dons no mesmo plano, todos sendo iluminados ao mesmo tempo. Essa é uma educação democrática, cujo produto é homem burguês, o animal de rebanho” (Dias, 1991, p. 70). É possível que o filósofo sentisse em sua própria formação este enfoque errôneo em apenas um aspecto que envolve a vida humana ou o esforço de tentar abarcar vários. Esse é um dilema para a Pedagogia desde sempre: educar para quê? Quais potencialidades explorar? Se nos concentrarmos em apenas uma, corre-se o risco de deixar de lado outras potencialidades que podem ser desenvolvidas. Se nos concentrarmos em várias, podemos cair no erro de impor ao estudante saberes que não o edificam ou ainda, cair na superficialidade de tratar vários aspectos sem que nenhum seja adequadamente aprofundado.

O educador filósofo que eu sonhava, não descobriria somente a faculdade dominante, mas saberia impedir que ela destruísse as outras; sua tarefa educativa [...] transformar o homem inteiro num sistema vivo e movido por sóis e planetas e descobrir a lei dessa variedade superior da mecânica celeste (Nietzsche, 2020, § 2).

Essa simbologia com a natureza, a descoberta de uma mecânica superior movida por um sistema vivo mostra como Nietzsche aproxima o ser humano do real, mas na sua manifestação de superioridade, de força, “movido por sois e planetas” cujas leis ele precisa descobrir. Parece correto avaliar a partir de Nietzsche que somos parte dessa potência, mas as incontáveis fronteiras sociais nos distanciam dessa “mecânica celeste”; como comenta Michel Haar (Cf. Haar, 2000, p. 288) o homem na concepção

nietzschiana tem a sua realização integral prejudicada, degenerada pela indústria, pelo Estado, pela especialização, quando ele deveria ser a obra de arte que a natureza visa. Nietzsche compreende a natureza como construção constante. Ela é devir criativo. Está ininterruptamente gerando novas formas, exigindo de si mesma a elaboração do novo. A educação, nesta conjuntura, deve favorecer e incentivar essa capacidade geradora, da qual nós humanos, como pertencentes à natureza somos capazes de estimular. Esse argumento pode ser abalizado pelo que argumenta Luciana da Costa Dias (2017, p. 279):

Nietzsche emparelha educação e natureza, ao invés de opô-las ou subjugar uma à outra. Se no texto Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino (...), Nietzsche classifica os métodos atuais de educação como antinaturais, uma educação autêntica seria, ao contrário, a autoafirmação da natureza, como pode ser apreendido da III Intempestiva. A educação como *Bildung* se configura para Nietzsche, portanto, não em oposição à natureza, mas como aquilo através do qual a *physis* poderia alcançar sua máxima potência, através do grande homem, do homem verdadeiro, do gênio- pois o gênio, no entender de Nietzsche, é essa excrecência da natureza (pois não é o homem antes de tudo, parte da natureza?) sua verdadeira realização e ponto de culminância. Logo não deveria ser este o objetivo de toda cultura (*Bildung*)?

Na busca de um caminho educativo seguro, Nietzsche afirma que procurou sem encontrar um orientador; não havia nem mestre, nem escola que o ensinasse a arte de falar e de escrever: “técnicas que só podem ser adquiridas com uma direção extremamente minuciosa e com penoso aprendizado” (Nietzsche, 2020, § 2). O filósofo estava imerso nestes e outros pensamentos quando encontrou Schopenhauer. Afirma que o lia como se o conterrâneo escrevesse para ele.

O estilo de Schopenhauer [...] ele sabe dizer de modo simples as coisas mais profundas, emocionar sem retórica e exprimir sem

pedantismo verdades estritamente científicas [...]. O verdadeiro pensador nos alegra e nos estimula sempre [...]; isso sem fazer uso de gestos simplórios, com mãos tremulas, olhares perdidos, mais com segurança e simplicidade, com coragem e vigor, às vezes talvez com certa firmeza cavalheiresca, mas sempre como vendedor [...]. “Só há alegria onde há vitória e isso é verdade com relação às obras dos pensadores autênticos como de toda obra de arte (Nietzsche, 2020, § 2).

A alegria prospera apenas onde há vitória, mas vencer o quê? Parece que se trata do próprio tempo e a si mesmo. O ser humano precisa lutar contra o comportamento dominante e estar em embate para não se deixar dominar por ele. O autor vitorioso é aquele que se torna horizonte, cujo impulso não deixa o leitor no mesmo lugar, mas o faz ter consciência de que não há outra opção que não seja seguir adiante, para o futuro, para a intempestividade. O filósofo Schopenhauer se tornou um modelo de educador para Nietzsche porque ele servia de exemplo, pois, assim como ele lia os gregos arcaicos, eles não faziam dissociação entre viver e filosofar, e o mestre de Nietzsche conseguiu associar em sua vida estas duas forças. Ele soube fazer de sua filosofia o seu próprio guia. Esse aspecto foi exatamente o que fez dele, na concepção de Nietzsche, um efetivo educador, na sua autonomia e veracidade (Nietzsche, 2020, § 3). Neste assunto, o que comentam Adrianly e Alexandre Mendonça (2017, p. 26-27) corrobora com a análise:

Especificamente em Schopenhauer como educador, Nietzsche parece assumir um posicionamento mais radical, levando adiante a discussão sobre a possibilidade de se escapar das tendências dominantes nos estabelecimentos de ensino modernos ao tomar Schopenhauer como exemplo de quem soube resistir a tais tendências através de um artístico e rigoroso processo de autoformação.

A capacidade de guiar a si próprio é o principal impulso para ser modelo para os discípulos. A filosofia precisava sair dos muros da universidade e se tornar uma prática de vida: “a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhuma tirania pode penetrar, o foro íntimo, o labirinto do coração; é isso que indispõe os tiranos” (Nietzsche, 2020, § 3). Notemos que a filosofia para Nietzsche funciona como uma arma contra os tiranos, um espaço de pensamento no qual o lugar as imposições de pensamento, de perspectiva de vida, de concepções de mundo não anulem aquilo que é mais genuíno, que é a particularidade de cada um, uma ajuda necessária para que visões universalistas não anulem o direito que temos de *sermos nós mesmos*.

No percurso de busca do ineditismo que Nietzsche descreve, o filósofo passa por três perigos: primeiro, por causa de sua originalidade ele tem que confrontar o seu pensamento com o tempo histórico vigente, com a forma de pensar prevalecente, sua filosofia e ele mesmo não são compreendidos e ele é fadado a solidão. A segunda trata do fato de Schopenhauer sustentar uma filosofia individual, fugindo do esforço da filosofia em pautar as teorias na universalidade, em formas “prontas e puras”. Uma filosofia do indivíduo o ajuda a perceber as suas misérias e limites e descobrir para a existência consolações (Cf. Nietzsche, 2020, § 3). O terceiro perigo está em que o gênio vê mais longe e penetra no íntimo de todas as coisas, reconcilia o conhecimento e o ser até o reino da paz e a negação do querer; mas o gênio corre o risco da esclerose moral ou intelectual, algo que segundo Nietzsche Schopenhauer sofreu, o risco de separar-se do que o ligava ao seu ideal, ou do domínio em que deixa de procriar se tornando do ponto de vista da cultura alguém inútil, um santo. (Cf. Nietzsche, 2020, § 3). Esses três perigos constitutivos que ameaçam Schopenhauer nos ameaça a todos. Cada um traz em si a originalidade fecunda que é o núcleo do seu ser. E logo que toma consciência dessa originalidade se vê cercado da aura luminosa que indica o ser excepcional. Aí está o que parece intolerável para a maioria dos homens, porque, como já disse, esses homens são preguiçosos e porque essa originalidade trás com

ela todo um encadeamento de esforços e encargos (Cf. Nietzsche, 2020, § 3).

Cada um contém em si a originalidade que é núcleo do próprio ser é uma frase que ao mesmo tempo que coloca Nietzsche em uma fase metafísica de artista quando está influenciado pela filosofia de Kant e Schopenhauer principalmente. Ele acena para o importante aspecto de uma educação que valoriza a excepcionalidade. Essa luz singular, genuína, que pertence a todos, é buscada, entretanto, apenas por aqueles que são capazes de superar a preguiça da maioria, o difícil esforço de enfrentar a si mesmo e ao tempo vigente para estabelecer algo original. Nietzsche está associando filosofia com “modo de vida”, é preciso ler, sem criar véus enganadores, como funciona o tempo presente, qual é a essência fundamental da vida, que como já destacamos, ela é “dor e sofrimento”, seguindo a leitura de Schopenhauer. Todavia, a tendência do tempo é negar essa verdade, criar religiões, instituições, modos de viver que tentam anular essa verdade. Parece que a proposta de Nietzsche é que saibamos interpretar o que é mais crucial em nós e estabeleçamos formas de existir condizentes e coerentes conosco.

Segundo Nietzsche, Schopenhauer ensinava o que todos deveriam atentar que é a luta contra o próprio tempo, graças a ela, era possível conhecê-lo. Em seguida ele faz uma imagem de um tempo futuro no qual os homens se aborreceriam com as leituras. O sábio deixaria em seu testamento que o seu corpo e livros seriam queimados juntos, pois os livros nasceram dos cérebros (Cf. Nietzsche, 2020, § 4). Essa visão retoma o valor da vida como norte, o problema da modernidade em relação aos livros é que estes últimos tomaram o lugar da vida, minando e enfraquecendo a construção do saber oriunda das potências mais proeminentes. Seria como se o ser humano tivesse confinado e condensado o conhecimento nos livros e o tomassem como verdadeira fonte de sabedoria esquecendo-se de que até as formulações mais abstratas emergem de um corpo situado, que está no mundo circundado por várias forças vitais a partir das quais se pesquisa.

Teria ocorrido uma limitação estreitíssima de se ter a natureza como “laboratório” do saber.

Nietzsche avalia o papel da universidade sendo aquele espaço onde se reafirma o presente como melhor, superior ao passado, como se o mundo estivesse em um processo evolutivo do ponto de vista cultural. A universidade atuava como aliada do Estado lhe prestando o serviço de reafirmar determinado tipo de discurso, a tornando próxima da cultura jornalística: a concepção de que o Estado era o bem supremo e servi-lo era o mais alto valor:

É por isso que me ocupo aqui de uma espécie de homens que são capazes de conferir objetivos um pouco mais distantes que o bem do Estado, quero me referir aos filósofos; e se penso neles é com relação a um mundo também bastante independente do bem do Estado, o mundo da cultura (Nietzsche, 2020, § 4).

O trabalho a serviço do estatal limita a um aspecto da vida em detrimento daquele superior que é atuar a favor da cultura. A estrutura estatal moderna funciona neste caso como uma espécie de igreja pagã, onde os seres humanos podem buscar conforto e segurança, parece correto analisar com Nietzsche que mais uma vez, os indivíduos se veem tutelados por uma instância externa a eles. O educador nietzscheano, o qual Schopenhauer representava, era exatamente este ser livre, autor de seu destino, que faz a leitura dos mecanismos de controle regentes da sociedade e consegue estabelecer um percurso diverso e consegue se desvencilhar das armadilhas que institucionalizam o viver.

Segundo Nietzsche, a época moderna gestou três imagens de homens “nas quais os mortais procurarão por muito tempo ainda um motivo para glorificar seu próprio ser” (Nietzsche, 2020, § 4). Esses modelos são apresentados de forma propositiva e, de certo modo, ajudaram a modernidade a pautar um modo de vida, são eles o homem segundo Rousseau, Goethe e Schopenhauer. O mais popular entre os três é o homem segundo Rousseau, o reacionário, capaz de produzir revoluções. Ele afirma

segundo Nietzsche “somente a natureza é boa, somente o homem natural é bom”. Trata-se do homem de ação que despreza a si mesmo em seu estado atual sendo capaz de tomar as decisões mais temíveis, como também tem em si aquelas forças mais belas e raras (Cf. Nietzsche, 2020, § 4). É um arroubo ameaçador que reage àquilo que o ser humano é, desprezando inclusive aquilo que os modernos denominam como mais nobre, as artes, as ciências, as vantagens da vida refinada (Cf. Nietzsche, 2020, § 4). É notável que Nietzsche valoriza o homem de Rousseau, afinal, ele despreza de forma veemente os valores do presente, o que ele considera civilização e aponta outro caminho, não iremos entrar neste texto na polêmica entre Nietzsche e Rousseau, mas parece correto sustentar que o valor da perspectiva de Rousseau está exatamente em funcionar como combatente do próprio tempo.

Diferente do homem segundo Rousseau, o homem de Goethe é contemplativo, espectador do real, se envolve sobretudo com o que há de belo: “ele odeia toda violência, todo salto brusco - quer dizer: toda ação” (Nietzsche, 2020, § 4). É uma natureza aristocrata, conservador e conciliador por excelência, sua postura é contrária a toda grande mudança. “[...] é porque recolhe e acumula como seu alimento tudo o que existiu algum dia e existe ainda de grande e memorável; e se arranja para viver assim, embora seja uma vida que vai de desejo em desejo” (Nietzsche, 2020, § 4). Esta figura tem o existir na esteira de tornar as suas virtudes naturais elevadas, ele não é um mero conformista, a sua impetuosidade está, como na frase destacada acima em tomar as forças existentes no passado. Vive de desejo em desejo dando novas formas a vida, logo, este homem tem a arte de transformar o que há de valioso na existência, ele não se deixa configurar pelo tempo atual, embora esteja longe de ser um revolucionário. Entretanto, parece que Nietzsche toma posição mais favorável ao homem segundo Schopenhauer, ele não se afina com o otimismo dominante na época, admite o aspecto angustiante do existir, do qual não podemos fugir. Sabe que uma vida feliz é impossível, logo, o que lhe resta é uma vida heroica. “O homem heroico despreza seu bem-estar ou seu mal-estar [...] não espera mais nada de si mesmo e exige penetrar até o fundo desesperado de todas as coisas.”

(Nietzsche, 2020, § 4). O grande homem afirma: “Quero pertencer unicamente a mim mesmo” (Nietzsche, 2020, § 4). Nietzsche assevera que o homem heroico se atormenta, pois os seus contemporâneos não sofrem com tais tormentos, estão envolvidos na cena política e diante da pergunta “por que vivem”, responderiam orgulhosamente que seria para se tornar “bom cidadão, um sábio, um homem de Estado” (Nietzsche, 2020, § 4). Esse limite a si mesmo de colocar-se como servo do Estado apequena o ser humano na busca e possibilidade de elaborar uma existência criadora. Nietzsche faz em seguida uma análise sobre o perigo de se seguir o devir, que é de fato a história, ele é por natureza um jogo. Este difícil parágrafo parece dimensionar para a frase anterior, de querer pertencer unicamente a si.

Aquele que não compreende sua vida senão como um ponto no desenvolvimento de uma espécie, ou de um Estado ou de uma ciência, e quer, portanto, integrar-se plenamente na história do devir, por conseguinte na história e nada mais, este não entende a lição que a existência lhe dá e deve aprendê-la novamente (Nietzsche, 2020, § 4).

O homem do tempo de Nietzsche estava se deixando mover pelas forças da história, dos acontecimentos, dos valores que estavam estabelecidos sem questioná-los, o herói, parece que é isto que o filósofo queria destacar é aquele que consegue esquecer-se de si. Querer unicamente a si soa como algo intimista, mas é um passo difícil, é heroico porque remete à luta que extrapola uma vida limitada a ser cidadão e a servir ao poder instituído. *Pertencer unicamente a si* remete a atingir aquele lugar exclusivo, único, impenetrável, que pertence a cada indivíduo e onde nenhum outro consegue penetrar. Se o homem de Rousseau desprezava o presente e lutava por um retorno ao mundo natural; o homem de Goethe buscava conservar o que há de mais elevado na vida passada e vigente visando a sua satisfação; o homem de Schopenhauer acena a singularidade, a necessidade de haver impulso para ultrapassar as fronteiras que limitam o ser humano ao seu próprio tempo.

Nietzsche procura justificar Schopenhauer como evidenciado educador, tendo como referência o tipo de homem que ele foi. Descrever Schopenhauer como educador seria a sua tarefa primordial, mas ele salienta como algo difícil. O homem, segundo Nietzsche ainda se mantinha como o animal, um espelho da natureza, ainda com característica animalesca. Por isto, precisava do conhecimento para se libertar (Cf. Nietzsche, 2020, § 5). Schopenhauer representava um ideal de ser humano, que não temia a solidão, que enfrentou o temor do isolamento e assim, triunfou sobre o aspecto animalesco presente no ser humano. Tereza Calomeni (2011, p. 7) analisa essa questão quando aborda sobre o valor da solidão para Nietzsche:

Fundamental, constitutiva, plástica, marca de distinção e de singularidade, a solidão é, para Nietzsche, a hora e o lugar mais fecundos e mais férteis, mais pertinentes e adequados à depuração do olhar e da escuta, ao burilamento e à sofisticação do diagnóstico, ao enriquecimento das vivências, à confecção de múltiplas perspectivas e, sobretudo, à lapidação da dádiva, do presente que dela, inevitavelmente, sempre advém. Na solidão “dadivosa”, pensa Nietzsche, amadurecem os melhores frutos.

Essa comparação, pelo que indica o texto se refere à necessidade animal de viver coletivamente para se proteger, instinto que o ser humano ainda mantinha. O medo da morte e da violência impõe à vida gregária e à interpretação de que ela é necessária a manutenção da vida ou ainda mais radical, que essa é a única opção a existência social. “Na solidão e no silêncio temos medo de que um cochicho fira nossos ouvidos, por isso odiamos o silêncio e procuramos nos aturdir por meio da vida em sociedade” (Nietzsche, 2020, § 5). O grande perigo que essa busca de segurança na vida comum acarreta é no aniquilamento da chance de surgir aquele que é o principal propósito da tarefa educativa nesta fase inicial da filosofia de Nietzsche que é o surgimento do gênio.

A formação do gênio: a principal tarefa da educação

Já vimos anteriormente como Nietzsche trabalha a concepção de gênio como uma força oriunda da natureza, das mais pujantes potencialidades da vida e do seu nascimento espontâneo no seio do povo. Aqui, no contexto das intempestivas, a interpretação de Vanilda Honória dos Santos (2010, p.6) auxilia na compreensão deste termo:

Conceito presente em várias obras de Nietzsche, gênio faz referência ao homem que está além da cultura de seu tempo porque se dirige ao século seguinte, que não foi corrompido a uma moral de rebanho, que conserva e desenvolve toda sua potência crítica, em suma, o homem criador. O conceito de gênio foi introduzido nas obras de Nietzsche ainda na primeira fase, cujo significado é o homem de espírito livre, e que já desenvolveu todas as potencialidades criadoras.

Devemos ser elevados, afirma Nietzsche, acima de nós mesmos, mas quem fará este trabalho? São os que triunfam sobre a animalidade, os que ele denomina como homens verdadeiros: os filósofos, os artistas e os santos. “Esse pensamento fundamental é a cultura, pois, a cultura não propõe a cada um de nós o surgimento do filósofo, do artista e do santo, e trabalhar para aperfeiçoar assim a natureza” (Nietzsche, 2020, § 5). Se a natureza necessita do filósofo, também necessita do artista. Ela é levada *pelo turbilhão do seu devir* e precisa do artista para esclarecer a respeito de si mesma. Parece que o filósofo quer sustentar o aspecto sem propósito da realidade natural, diante da qual a arte contribui para que ela ganhe algum sentido. Tem necessidade também do santo, aquele que conseguiu “um sentimento profundo de igualdade, de simpatia e de união com todos os seres vivos” (Nietzsche, 2020, § 5). Conforme Nietzsche é mais difícil ser aparentado do santo que do artista e do filósofo, mas há momentos em que “não compreendemos mais a palavra ‘eu’” (Nietzsche, 2020, § 5). O santo, pelo que indica o texto, refere-se à figura mística, valorizada por Schopenhauer e sua influência da filosofia oriental onde o desprendimento da existência se torna pleno. Este

ser é capaz de se tornar quase como um com a natureza, trata-se do asceta, daquele indivíduo que pelo menos parcialmente vence o poder da *Vontade*. A figura do santo possibilita criar pontes para irmos além de nós. A verdadeira cultura “quer que lutemos sem descanso contra tudo o que nos privou a nós mesmos da realização suprema de nossa existência e nos impediu de tornar-nos a nós mesmos homens segundo Schopenhauer” (Nietzsche, 2020, § 5). Se fomos privados de sermos nós mesmos, homens livres como Schopenhauer, a tarefa humana é trabalhar para que estes tipos, tal como ele e o filósofo, o artista e o santo tenham espaço na sociedade; que não sejam existências estranhas à vida, ridicularizadas, exatamente porque são diferentes ou consideradas tão superiores a ponto de parecerem supra-humanos; o papel da educação é saber que uma noção equivocada de cultura impede a maioria dos humanos de atingir o seu patamar mais elevado e o principal trabalho é tornar essas existências possíveis. O filósofo, o artista e o santo são figuras singulares, únicas, solitárias preocupadas com a formação de si, não se ocupam com o domínio da vida gregária, sendo, naturalmente impulsionadores da emergência de novos mundos. Larrosa, analisando a figura do filósofo e do artista apoia essa avaliação: “o artista, o perito em singularidades, capaz de expressar a beleza do particular, do incompreensível, vai ajudar aos “bons” dando-lhes uma imagem única de si mesmos”; e sobre o filósofo afirma: ele é “capaz da generalização e do juízo, vai lhes ensinar a arte da valoração e, portanto, o desprezo” (Larrosa, 2002, p. 49).

Notemos que Nietzsche avalia a efetiva cultura como uma questão formativa do ser humano, funciona como uma contracultura, pois, assim como Schopenhauer não temeu a vida solitária, como um caminho necessário para a constituição de si, de tornar-se si mesmo, essa seria a tarefa humana primordial. Todo esse discurso de Nietzsche figura como embate presente em todas as *Intempestivas* que é a luta a favor da verdadeira cultura; essa ocorreria não por uma educação gregária, onde todos são impulsionados a serem iguais, por isso, a formação no ginásio, nas universidades e nos diversos espaços dedicados a cultura não favoreciam a

formação desse ser humano original. Schopenhauer era educador exatamente por ser o reverso de uma existência comum. Conforme Barrenechea (2015, p. 13): “Sua vida foi solitária, simples, pacata; ele transcorreu os seus dias refletindo e escrevendo, [...] afastou-se dos holofotes tão almejados pelos eruditos da modernidade, pelos “filisteus da cultura”. Continua o comentador: “[...] Ou seja, abdica do reconhecimento dos seus contemporâneos, tolera o silêncio, o desconhecimento total em torno de sua obra, dessa forma assume uma postura de radical extemporaneidade” (Barrenechea, 2015, p. 13). Uma das frases que resume bem a perspectiva educativa nesta fase da filosofia nietzscheana é: “A humanidade tem o dever de trabalhar sem cessar em produzir grandes homens; é sua tarefa e não outra” (Nietzsche, 2020, § 6). Trata-se do principal objetivo da educação e da cultura, a formação indivíduos excepcionais, mas a resistência é grande diz o filósofo, grande parte dos seres humanos preferem trabalhar a favor da maioria, mas “deveríamos implantar e cultivar num jovem é que ele se considere como uma obra falha da natureza, mas também como um testemunho das mais poderosas e maravilhosas intenções dessa artista” (Nietzsche, 2020, § 6). A intenção da natureza é elevada e o jovem deveria se colocar a seu serviço para que o sucesso viesse de outra vez. Vejamos que a principal tarefa da natureza é a formação destes grandes homens, mas parece que a falha que Nietzsche aponta foi que o propósito deveria ser criar um ambiente onde seria natural a emergência dos grandes homens e o fato de prevalecer o gosto gregário seria essa lacuna, está portanto, poderia ser corrigida quando o jovem se esforça para agir movido pelo exemplo dos grandes homens e assim, esse erro da modernidade que valoriza a massificação em detrimento da singularidade seria em algum momento minimizada. Note-se que a aposta é no jovem, uma vez que a sociedade do tempo estava corrompida, somente as novas gerações poderiam ajudar a gerar a excepcionalidade.

Para Nietzsche somente com o amor que é impossível de ensinar que se adquire uma visão lúcida e desprezadora de si, somente os que se unem ao coração de um grande homem recebem o *primeiro sacramento da*

cultura. Essas são a soma dos estados interiores que buscam encontrar uma unidade, mas é necessário passar desses estados interiores para aquele que é muito mais difícil, o *segundo sacramento*, o fim deste é “a produção do gênio” (Nietzsche, 2020, § 6).

Nietzsche destaca os três egoísmos: o dos negócios, os do estado e os daqueles que se disfarçam e se abrigam em uma “bela forma”, e apresenta o quarto *egoísmo*, o *do saber*. Quando abordamos sobre os estabelecimentos de ensino, tratamos, com Nietzsche, da forma nociva que os comerciantes delimitam a potência juvenil a favor do mundo do negócio, em como o Estado se apropria da potencialidade juvenil em seu favor e de como a arte é utilizada como instrumento, fazendo também ela, parte de uma realidade onde tudo é produto, posições críticas que aparecem também na *Primeira intempestiva*. Desse modo, nos ateremos mais demoradamente no egoísmo da ciência. O filósofo destaca as principais características deste sábio que trabalha a favor da ciência, da verdade. Passa a destacar treze características deste sábio. Retomemos apenas duas delas: Em sétimo, prosseguir em direção para onde foi impelido. A procura da verdade de acordo com o hábito adquirido, em geral eles são muito produtivos; em oitavo, o medo de se aborrecer. Diferente do verdadeiro pensador que ama o lazer, o sábio não sabe o que fazer com ele e preenche o seu tempo principalmente com livros, do seu interesse (Cf. Nietzsche, 2020, § 6). Esses instintos, se fundidos, estão a serviço do conhecimento puro, mas não dos impulsos. Trata-se do instinto de conhecimento, denunciado desde *O nascimento da tragédia*, que coloca a Verdade como principal julgadora não só do que obtém valor de conhecimento, mas do próprio sentido da vida; sobre isto, Roberto Machado (1999, p. 32-33) comentando o texto *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* aborda:

Se a arte tem mais valor do que a ciência, e é sempre utilizada por Nietzsche como paradigma em sua crítica da verdade, é que enquanto a ciência cria uma dicotomia de que situa a verdade como valor supremo e desclassifica inteiramente a aparência, na arte a experiência

da verdade se faz indissoluvelmente ligada à beleza, que é uma ilusão, uma mentira, uma aparência.

O sábio é a soma dessas misturas, “pretendem matar a natureza, dissecá-la e compreendê-la”; os gênios querem “aumentar a natureza, acrescentando-lhe uma segunda natureza, nova e viva, o que cria um conflito de opiniões e de atividades” (Nietzsche, 2020, § 6). Deste modo, Nietzsche associa ao sábio a característica do homem de ciência moderno, que é um funcionário do momento presente, o seu olhar para a natureza é de controle, quer dominá-la para fazer com que ela sirva aos seus interesses. Luís Clademir Araldi (*In: Nietzsche, 2020, apresentação*) comenta sobre essa posição servil:

É no contexto do triunfo militar na guerra franco-prussiana e da unificação alemã que Nietzsche propõe sua investigação no âmbito prático da educação e da arte. Segundo ele, a cultura e a educação vigentes no mundo germânico tinham como metas a universalização e propagação do saber científico, o bem-estar, o dinheiro, em suma, uma limitação a um círculo de deveres, ações e metas bem restrito e desprezível.

Neste ambiente que valoriza a característica do sábio, não se favorecia a presença do gênio, tanto que Sócrates, segundo Nietzsche, não teria conseguido viver entre os alemães do seu tempo, pelo menos até a velhice. Era um ambiente em que o gênio é considerado alguém estranho. Para que uma geração futura triunfasse era necessário emergir um modelo de educação diferente da pedagogia vigente, afirma Nietzsche, ainda com raízes na Idade Média que considerava o sábio ideal da cultura: “há muitos que são aptos para semelhante colaboração e que encontram no devotamento a essa missão o sentimento de ter enfim uma tarefa, um objetivo e um significado na vida” (Nietzsche, 2020, § 6). Os homens atuais eram puxados para não seguir o caminho do gênio, pois lá eles seriam

auxiliares, autômatos e Nietzsche se propõe a mostrar o inverso e, neste caso e nesse sentido, Schopenhauer é educador.

Se abstrairmos por um instante, afirma Nietzsche, a inversão do sistema de educação, o que deveria ser feito para os filósofos educarem os filósofos? Facilitar a sua ação sobre os contemporâneos? (Cf. Nietzsche, 2020, § 7). O propósito era pensar como os filósofos novos e ainda na fase de estudos poderiam se aproximar do modo de vida que Schopenhauer como educador apontava e como se poderia afastar os empecilhos que dificultariam que o filósofo formasse adequadamente novos filósofos.

A natureza, sustenta Nietzsche, procura sempre a utilidade geral, mas não sabe encontrar os melhores meios; é raro que consiga algum efeito por meio do que os filósofos e artistas produzem. A natureza lança o filósofo como se fosse uma flecha, esperando atingir a algum alvo. O seu desígnio é pesado e por isso é atacado, com grande sacrifício. O artista e por outro lado, o amante ou o conhecedor da arte, ficam frente a frente como uma pesada artilharia e voo de pardais. O artista e o filósofo só atingem a alguns seres humanos com a sua artilharia e mesmo a estes não é com toda a força de seu projétil (Nietzsche, 2020, § 7). Nesta análise Nietzsche parece estar mostrando que por força gratuita a natureza produz filósofos e artistas que lançam sobre a sociedade as suas armas, mas acabam atingindo a muito poucos devido a um estilo de vida adequado ao modo de existir dominante, para Nietzsche, enfraquecido. Rosa Dias (1996, p. 79) assevera sobre este problema:

A tarefa da cultura deve ser ajudar a natureza a gerir melhor suas economias: [...] tem de aperfeiçoar a natureza; tornar-se seu complemento natural, e não um suplemento artificial; perseguir os mesmos fins da natureza, isto é, propor-se a acelerar a vinda do filósofo e do santo e mantê-los presos à sociedade [...]. De nada adianta consumir todas as suas forças para criar filósofos e artistas, se estes vierem a ser como alguns cometas, que passam sem deixar rastro.

O poder de fogo da sociedade estabelecida é quase invencível. Comenta Nietzsche que um artista e mais ainda um filósofo vive em sua época como um solitário, perdido ou atrasado. Tal fato ocorreu com Schopenhauer que não encontrou leitores em seu tempo e mesmo após ter se tornado famoso, não era adequadamente compreendido; “é ainda um solitário e sua ação ainda não se produziu” (Nietzsche, 2020, § 7). Uma forma de fazer a época reconhecer sua falta de razão e encontrar um remédio seria tornar Schopenhauer conhecido entre os espíritos livres, aqueles que sofrem com o presente estes deveriam preparar o surgimento de um novo Schopenhauer (Cf. Nietzsche, 2020, § 7). Araldi corrobora com essa posição: “Essa é a tarefa que Nietzsche reserva a educação: despertar os seres humanos para serem discípulos de Schopenhauer e amigos da verdadeira sabedoria (estético-trágica)” (Araldi, *In*: Nietzsche, 2020, apresentação). Qual o principal papel da educação para Nietzsche? A formação do gênio, daquele indivíduo genuíno, oriundo de forma despropositada das forças da natureza, mas que deveria ter o seu surgimento facilitado. Argumento apoiado também por Melo Sobrinho (2003, p. 34):

o papel da educação é então libertar estas forças interiores que a natureza colocou nos homens para a sua elevação e realização: as forças instintivas e plásticas que permitem a eles realizar suas obras, sobretudo as obras mais elevadas.

Esses seres singulares seriam uma espécie de horizonte para a cultura, a sua força impulsionaria a emergência de outros indivíduos capazes de lutar contra si mesmos e o seu tempo, gerando estilos de existência únicos. Seria o esforço de singularidades gerarem singularidades! O mundo, afirma Nietzsche, está obstruído de ninharias, não são apenas os dogmas religiosos, mas, noções como progresso, cultura geral, nacionalismo, Estado Moderno, anticlericalismo, todos vocábulos de sentido geral (Cf. Nietzsche, 2020, § 7). Schopenhauer se esforçou para *impelir de verdade a vida*, “sem ser esmagado por nenhuma das necessidades vulgares da vida” (Nietzsche, 2020, § 7).

O filósofo termina a terceira *Intempestiva* destacando a nociva relação entre filosofia e Estado na era moderna. Enumera algumas condições que favorecem o surgimento do gênio filosófico, frente a influências contrárias. Dentre elas a liberdade diante do Estado, atmosfera que os gregos tiveram a felicidade de fazer crescer. O Estado moderno encorajava a filosofia, mas não do modo como Platão entendia a função do pensador no Estado, para gerar novos Platão, a filosofia se torna uma necessidade (Cf. Nietzsche, 2020, § 8). A função do Estado, tal como os gregos o pensaram, na sua relação com a filosofia, era torná-la livre em relação a ele. Barrenechea (2015, p 11) avalia essa posição da liberdade filosófica:

Nietzsche valoriza essa autonomia e independência como traço fundamental do mestre-filósofo. Um comentário da *III Consideração intempestiva* coloca a independência, a liberdade como traço essencial: “[...] liberdade viril de caráter, conhecimento precoce dos homens, educação que não pretende formar um erudito, ausência de qualquer estreiteza patriótica, de qualquer obrigação de ganhar seu pão, de obediência ao Estado – em suma, liberdade, sempre liberdade.” Em virtude dessa autonomia, o mestre poderá arrogar-se a condição de um genuíno crítico do seu tempo, de um lúcido hermeneuta de sua época.

A sua função era de formar homens livres, outros filósofos que poderiam viver e filosofar independentes das estruturas estatais. Segundo Nietzsche, a “liberdade” que o Estado confere à filosofia “[...] permite pelo menos a alguns a *viver* de sua filosofia e tirar dela seu ganha pão [...]” (Nietzsche, 2020, § 8). O Estado tem medo da filosofia e por isso precisa atrair para si o maior número de estudiosos deste campo para parecer tê-lo ao seu lado. Se uma das funções da arte de filosofar é gerar a reflexão, o pensamento adensado, crítico por excelência, é evidente que ela se torna um perigo, pois as suas análises podem questionar e até mesmo enfraquecer as estruturas que sustentam determinado sistema político e social; logo, transformar o pensador em um necessitado utilizador da filosofia para

sobreviver é um modo de controlar a filosofia e através disso, controlar o pensamento. O comentário de Vanilda H. dos Santos (2010, p. 12) reitera essa diferença entre o livre pensador nietzschiano e o filósofo escravo dos interesses imediatos do Estado:

Em Schopenhauer como Educador, Nietzsche diferencia a forma de o filósofo ver a cultura, da forma pela qual o professor de filosofia a enxerga. Como explicitado anteriormente, o filósofo nietzschiano representa o espírito livre, o gênio, e por isso deve promover a “libertação do pensamento cativo”, causa determinante de todo empobrecimento e negação da vida, bem como do processo de homogeneização cultural. Já o professor de filosofia, o filósofo a serviço do Estado, é o homem culto, erudito, e que se empenha em afirmar uma determinada ordem em detrimento da vida, o que o torna “inimigo da cultura.

O Estado, comenta Nietzsche, escolhe os seus servidores filósofos e estes ficam restritos a ensinar a um determinado grupo de estudantes em determinado horário, mas o que aconteceria se em um dia ele não conseguisse pensar em nada, teria que fingir pensar? (Cf. Nietzsche, 2020, § 8). Esta é uma provocação importante na crítica ao controle estatal sobre o pensamento, a filosofia deveria ser livre, mas ao se arvorar nas cadeias institucionais corre o risco de ter que fingir. Nietzsche está apontando para o perigo, que a área do saber em questão corre até hoje, de ser silenciada pelas instâncias estatais, de ser mera repetição e comentário dos grandes clássicos sem que inéditos conceitos e teorias realmente nasçam. Ela corre o risco de perder a sua força criativa e questionadora que pode levar a existência a outros rumos. Em que a história da filosofia interessa aos jovens, pergunta Nietzsche? Queremos que tenham opinião pessoal, ao lhes mostrar um amontoado de diversas opiniões? Os exames de filosofia são martírio: “Nunca ensinamos nas universidades o único método crítico e a única prova que podemos aplicar a uma filosofia, a que consiste em perguntar se podemos viver segundo os princípios dela” (Nietzsche, 2020, § 8). O

filósofo procura delimitar o papel da filosofia. Ela serve à vida? É uma forma de contribuir a estar no mundo? O filósofo está confrontando uma filosofia como a estoica, a cínica, a epicurista, nas quais o filosofar era uma “prática de vida”, se referia a um estilo de existência, uma postura exclusiva do indivíduo diante do mundo. Divergindo das formas de filosofia em que o pensamento lógico-racional prevaleceu como fonte de interpretação, onde a universalização conceitual se tornou a base para sustentar as teorias, deixando o acontecer, o viver na sua efetividade, como secundários no processo de reflexão.

Nas universidades, continua Nietzsche, o que se ensina é a crítica as palavras pelas palavras, tanto que chega ao fim de suas provas e confessa: “não sou filósofo, mas cristão e cidadão de meu país” (Nietzsche, 2020, § 8). Dois pontos importantíssimos neste trecho: A filosofia para Nietzsche serve à vida; não viver conforme os próprios princípios é mera instrumentalização. Se os jovens após terminarem os seus exames concluem que felizmente não são filósofos, mas cristãos e cidadãos, trata-se de uma formação que doutrina, figura como catequese que enquadra e conforma o ser humano em determinada perspectiva de mundo. O filósofo contesta que o clássico sumiu das universidades, prevalece ao contrário o espírito jornalístico e com frequência, com nome de filosofia. O espírito da universidade começa a se confundir com o do século (Cf. Nietzsche, 2020, § 8). A partir do momento que a filosofia tiver se divorciado da universidade que poderá servi-la adequadamente, “longe de se confundir com ela, vai vigiá-la ao mesmo tempo em que guarda dignamente distância” (Nietzsche, 2020, § 8). Por qual razão a filosofia não gozava de consideração, Nietzsche afirma que bastava perguntar a um grande general porque a filosofia se tornou algo ridículo aos seus olhos; “Para ele, porém, ela deveria ser uma coisa formidável e os homens convocados para pesquisar o poder deveriam conhecer a fonte e o heroísmo que dela jorra” (Nietzsche, 2020, § 8). Por que Nietzsche recorre a um general para abalizar o desvalor da filosofia vigente em seu tempo? Entendemos que este tem um espírito bélico, valoriza a luta, o combate, a não conformidade com a preguiça, gosta e

busca desafios, se a filosofia deixou de jorrar este heroísmo, perdeu o seu valor.

Os verdadeiros filósofos deverão mostrar que são sem importância os falsos servidores da filosofia e que o amor da verdade é uma força poderosa e temível, “Schopenhauer pôs em evidência uma e outra dessas verdades. Dia após dia ele as tornará mais evidentes ainda” (Nietzsche, 2020, § 8). Fica claro neste texto que Schopenhauer figura como guia, infelizmente, é o que sugere as diversas análises de Nietzsche, exemplo quase solitário na filosofia, que mostra, tal como os gregos Antigos que filosofia e educação se equiparam quando a primeira está associada a segunda unitariamente, a vida como experimentação é diferente daquela pautada em normas ou conteúdos pré-definidos; neste contexto, Barrenechea (2015, p. 14), se referindo ao mestre que ensina com o exemplo de sua vida assevera:

Esse pensador, profundamente interessado nas questões basilares da existência, não se preocupa com artifícios retóricos, ou com pacientes construtos conceituais, desvinculados do dia a dia, para conquistar a admiração dos seus discípulos e dos seus colegas de profissão [...].

As informações, os conteúdos, as teorias, as abstrações sem dúvida são importantes e até necessárias ao conhecimento, mas elas precisam perpassar a vida, as necessidades, os interesses, a fisiologia do aprendiz, na medida em que trata de questões que envolvem o seu corpo, o pulsar da existência efetiva. O educador é exemplo quando é capaz de retirar o educando de sua comodidade, mesmo tendo por um tempo o mestre como norte, é impelido por caminhos criativos para a sua própria formação. Neste contexto comenta Rosa Dias: “Para Nietzsche, tomar Schopenhauer como modelo significou, em primeiro lugar, cultivar-se” (1996, p. 76). Notemos que a função do gênio que Schopenhauer efetivava devia ser favorecida pela educação, para que a cultura fosse contaminada positivamente por essa presença vital para a existência saudável do ser humano na terra, segundo Eugen Fink: “imagem do gênio que é o centro essencial de uma cultura, não de uma cultura já existente - pois em relação a uma dada cultura o gênio

comporta-se ‘intempestivamente’- mas de uma cultura futura” (1983, p. 39). Na fase madura de sua vida e filosofia, especificamente no período de produção do *Zarathustra* o filósofo mantém o interesse pessoal pela figura do gênio: “tornar-me artista (criador), santo (o que ama) e filósofo (conhecedor) numa só pessoa-*meu objetivo prático*” (Nietzsche, 1883). Essa noção de *Schopenhauer como educador* que segundo Nietzsche resumia em si, na fase inicial de sua filosofia esses três exemplos, figurou durante toda a vida um horizonte para Nietzsche, teve, mesmo que em contextos diferentes o papel formativo, de gerar o interesse em estabelecer para si “um objetivo prático”. Luís Clademir Araldi sintetiza bem que essa praticidade está em fazer da própria vida arte:

Assim, é inevitável que cada um de nós assuma a tarefa de construir sua própria arte de viver. Não é uma tarefa voltada para a existência excepcional dos gênios artísticos e literários, mas é uma tarefa a ser assumida na vida cotidiana, na relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo a nossa volta (Araldi, 2020, apresentação).

Mas em que sentido essas análises que fizemos se tornam uma concepção estética e educativa? O livro retrata questões, sobretudo educativas, não no sentido estrito das questões pedagógicas, mas que toma um aspecto como central, considerar determinados modelos, indivíduos que foram capazes de educar a si mesmos, de dar forma à própria vida, ou seja, conseguiram encarnar a figura do gênio e, por isso, se tornaram meta frente a grande parte da humanidade, que como inicia o texto, na sua maioria está fadada a preguiça, pois buscar a singularidade é oneroso, parece que é mais cômodo entregar a outrem, como o Estado, o poder de decidir com devemos pautar a vida. A proposta de Nietzsche é artística no sentido de que ele propõe a urgência de dar forma a própria existência, de fazer dela arte, uma produção genuína, moldada pelo “pincel” do próprio construtor.

Referências

- ARALDI, Luís Clademir. *Nietzsche, Foucault e a arte de viver*. Pelotas: NEPFIL Edição Online, 2020.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Schopenhauer como educador: um modelo de mestre. *Revista Póesis Pedagógica*, Catalão GO, v.13, n.2, p. 06-14, jul/dez. 2015.
- CALOMENI, Tereza Cristina B. Intempestividade e trágico em Nietzsche. *Revista: O Percevejo*. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-UNIRIO- RJ. Volume 03 – Número 02 – agosto-dezembro/2011.
- DIAS, Luciana da Costa. A educação como formação ou “cultivo de si” em Friedrich Nietzsche. *Filosofia e Educação [RFE]*. Campinas, SP – volume 8, número 3. Outubro de 2016-Janeiro de 2017.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Scipione, 1991.
- DIAS, Rosa Maria. Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche. *Impulso*, Piracicaba-SP, v. 12, n. 28, p. 33-40, 2001.
- FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. 1ª edição. Lisboa: Presença, 1993.
- HAAR, Michel. *La joietragique. Nietzsche et la métaphysique*. Paris: Gallimard, 1993.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- MENDONÇA, Adriany & MENDONÇA, Alexandre. Contribuições de Nietzsche para uma concepção artística de educação. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v.10 nº 1, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. COLLI, Giorgio e MONTINARI, Mazzino: Friedrich Nietzsche. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição crítica. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim; Nova York: Walter de Gruyter, Edição francesa: Paris: Gallimard, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: Obras incompletas. Coleção: Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Editora Nova Cultural, São Paulo, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*. Considerações extemporâneas III. Tradutor: Luis Clademir Araldi. 1 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich *Correspondencia II: abril de 1869 – dezembro de 1874. Traducción y notas a las cartas de José Manuel Romero Cuevas y Marco Parmeggiani. Introducción y apéndices de Marco Parmeggiani. Editorial Trotta, Madrid, 2007.*

NIETZSCHE, Friedrich. *Correspondencia IV Enero 1880 – Diciembre 1884. Traducción, introducción, notas y apéndices de Marco Parmeggiani. Editorial Trotta, Madrid, 2010.*

SANTOS, Vanilda Honória dos. A Educação como crítica à Modernidade na filosofia de Friedrich Nietzsche. *Horizonte Científico* (Uberlândia), v. 2, p. 1-30, 2010.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *A pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.*